



Arquivo Funai



Arquivo Funai

De volta à aldeia

Com a formação do lago de Tucuruí, os índios retornam às suas antigas terras

Há males que vêm para bem. O cacique Piáua, líder de um dos grupos Parakanã, velhos habitantes da bacia do Tocantins, que o diga. Pois foi de um mal (aparente), representado pela futura formação do lago de Tucuruí, que vai submergir as terras integrantes do Posto Indígena de Pucuruí, habitadas por eles que nasceram o pretexto e a decisão de retornarem a uma antiga aldeia abandonada, às margens do rio Cajazeiras do Meio.

Acompanhado dos 37 índios de seu grupo, Piáua chegou à aldeia a 18 de novembro passado, alegre, porque a área é boa e dispensa as longas caminhadas em busca da caça e do alimento. O retorno representa, ainda, a possibilidade de conciliação, mediante a atração e fixação no local, pela Funai, dos demais membros dispersos do próprio grupo que um dia se

dividiu, tomando caminhos diferentes.

Mas se houve a alegria, houve também a recordação. Foi ali que teve lugar um confronto sangrento que cindiu a tribo em dois, levando uma parte a migrar na direção do rio Anapu, onde em 1970 seria pela primeira vez contactada pela Funai e de onde, mais tarde, seria removida para o Posto de Pucuruí. Os demais sobreviventes do cisma espalharam-se pela floresta adjacente aos igarapés Cajazeiras e Anapu, permanecendo arredios até hoje.

O drama, pelo visto, enriqueceu a história dos Parakanã, que voltaram para a aldeia como quem volta para casa depois de uma longa ausência. Afinal, ali estão enterrados os seus ancestrais, razão mais do que suficiente para elevar o local a uma categoria especial, superior. A euforia foi de tal ordem, que um dos índios,

apelidado de "Ceará", que habitou a aldeia em criança, não parou de andar desde que chegou, identificando a disposição das malocas e mostrando à equipe de antropólogos e arqueólogos da Funai as marcas da antiga ocupação representadas por cacos de cerâmica, pedras polidas e, sobretudo, pela presença do carvão vegetal a não mais do que cinco centímetros do nível do solo.

Foi para marcar a volta, com toda significação que ela teve para todos, que Piáua e seu conselho batizaram a aldeia de Posto Marudjewara que na sua língua, integrante do tronco lingüístico tupi, quer dizer "local paradisíaco".

Gente pouquinho — Estar de volta, para os Parakanã, tem uma dimensão histórica e religiosa. Afinal, quando Maíra criou o mundo, na sua mística concepção,



A arquitetura diferenciada dos Parakanã pode ser vista no Posto Pucuruí e se dirige, principalmente às famílias coletivas. Transferidos para o Posto Marudjewara, os índios retomam o contato com o passado.

fez primeiro os Awaeté, ou seja, “os que são de verdade” — eles, os índios. E entre os primeiros Awaeté surgiram, inicialmente, os Tapiipi (pé-de-anta), os Apuiterewa (porção do mató) e, por último, os Araritetwera (ariranha).

Todos os três são, na realidade, diferentes subgrupos reconhecidos como pertencentes aos Parakanã, embora antropólogos como Lúcia Helena de Mello, da equipe da Funai e uma estudiosa desses indígenas, entendam que são grupos tribais distintos, caracterizados por lendas e comportamentos culturais diversos. Ela concorda que o relacionamento intertribal, embora marcado por intensa hostilidade, resultou num significativo processo de trocas culturais que, por sua vez, oferece argumentos àqueles que os englobam numa única etnia.

A própria lenda da invenção do mundo dos Parakanã favorece esta interpretação. Depois de criados e distribuídos pelos afluentes da margem esquerda do Tocantins, eles nunca cessaram de brigar entre si. A tal ponto que os Tapiipi acabaram se transformando em tibudjápipi, ou seja, gente pouquinha. Os Araritetwera, por sua vez, sofreram um processo mais intenso de aculturação intertribal e praticamente se extinguíram, à exceção de uma aldeia fixada no igarapé Lontra. Por último, os Apuiterewa, por terem se mantido isolados, sobreviveram como grupo autóctone.

É por isso que, ao se referirem a si próprios, como observou Lúcia Helena de Mello, os Parakanã afirmam com segurança: “Nós, os Tapiipi”, “Nós, os Apuiterewa”. . . E aí figura um outro anacronis-

mo: eles nem mesmo sabem porque são chamados de Parakanã. Essa era a designação que lhe davam os Arara-Pariri, inimigos seus, e devia conter algum significado impróprio ou até mesmo pejorativo. Mas o nome pegou e funciona como identificação a tudo que se refira aos Parakanã.

Centro pelado — A julgar por eles próprios, contudo, os Parakanã preferem ser conhecidos, de um modo geral, como os Apteravohã, ou seja, “gente que tem o centro pelado”, referindo-se ao corte de cabelo que adotam. Mas esse, pelo visto, não constitui o aspecto mais marcante de sua apresentação e, no começo do século, quando se tiveram as primeiras notícias a seu respeito, eram conhecidos pelos demais índios da região como Paraitunga e Auim.

Não se pode dizer, todavia, que a crônica histórica seja muito abundante a seu respeito. Depois das primeiras informações, colhidas em 1910 por Expedito Arnaud e publicadas pelo Museu Paraense “Emílio Goeldi”, só nos anos 20 e 30 são obtidas notícias deles, de pilhagens realizadas ao longo da Estrada de Ferro Tocantins, hoje extinta.

Com a finalidade de contactá-los, o antigo serviço de Proteção ao Índio (SPI) criou, às margens do igarapé Pucuruí, um posto que chegou a ser visitado pelos Parakanã nos fins da década de 30. Mas uma epidemia de sarampo que grassava na região, à época, afastou-os do contato da civilização por mais de 20 anos. Contatos esporádicos foram mantidos entre 1950 e 1965, quando voltaram a desaparecer, para novamente darem sinal de vida no início da abertura da Transamazônica, no começo da década de 70.

A urgência de um contato se impunha e a Funai organizou uma Frente de Atração que acabou sendo bem sucedida, em 1971, às margens do igarapé Lontra. Para abrigá-los, foi criada a Reserva Indígena

Parakanã, com 190 mil hectares de extensão, na margem esquerda do rio Tocantins, abrangendo os igarapés Pucuruizinho e Lontra, no âmbito da 2ª Delegacia Regional da Funai.

Depois disso, no entanto, soube-se que um outro grupo Parakanã aparecia por vezes junto ao igarapé Cajazeiras, próximo ao local conhecido como “Poção dos Caboclos”, mas as frentes de atração que para lá se dirigiram entre 1971 e 1974 não conseguiram efetivar o contato. Só em 1976, no igarapé Anapu, foi possível atraí-los e transferi-los para a Reserva Pucuruí, então instalada em terras devolutas do governo federal, até que fosse estudado e definido um local para abrigá-los em caráter permanente.

Enquanto isso, uma equipe da Funai foi designada para levantar e pesquisar os locais de perambulação do subgrupo Parakanã ainda arredio, tendo em vista seu assentamento, preocupada em garantir espaço para abrigá-los convenientemente no futuro.

A área escolhida, embora não oficialmente designada para esse fim, não poderia ser outra senão seu habitat anterior, no local chamado de Poção dos Caboclos, conhecida pelos próprios Parakanã como Marudjewara, numa extensão prevista de 317 mil hectares.

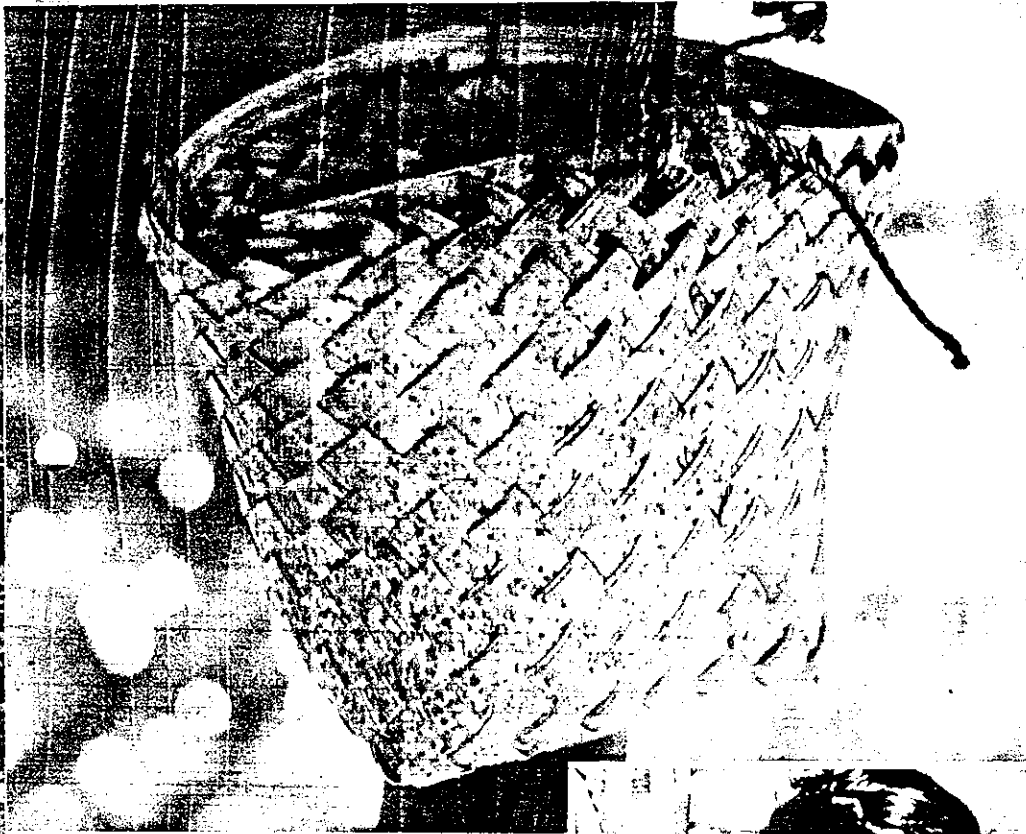
Sítios históricos — Antes, porém, de eleger esta como a melhor área para acolher definitivamente os Parakanã do Posto de Pucuruí, a Funai enviou uma equipe, coordenada pelo arqueólogo Carlos E. P. Mills, para investigar a região e identificar, concretamente e com base científica, a legitimidade da relocação.

Apesar do grande número de pesquisas arqueológicas realizadas na região do Araguaia/Tocantins, pelo Museu Emílio Goeldi e outras instituições, não existe, segundo Carlos Mills, nenhum estudo que se

Ao longo do Tocantins, os Parakanã mantêm uma vida associada ao rio e à floresta



Arquivo Funai



O artesanato é limitado ao essencial

refira particularmente ao sítio em questão, ocasionado sobretudo pela grande mobilidade dos povos indígenas da área. Essa mobilidade, na opinião do arqueólogo, está relacionada com a ecologia do solo amazônico, que apresenta um esgotamento rápido e exige ciclos de recuperação mais dilatados, obrigando as populações a um sistema rotativo que pode durar de 10 a 15 anos.

Ainda assim, foi possível levantar vestígios que consagram a ocupação dos Parakanã há, pelo menos, 50 anos. O sítio pesquisado por Mills e sua equipe tinha um quilômetro por dois, e toda sua superfície se encontrava repleta de cacos de cerâmica e instrumentos líticos (de pedra). As amostras coletadas tanto são do tipo simples, com barro vermelho, até o tipo decorado, com linhas finas em negro sobre vermelho. O recolhimento do material, de acordo com o arqueólogo, foi feito de forma aleatória e não representa uma seriação evolutiva, mas apenas a prova material de que os Parakanã ali viveram por muito tempo.

O local acusa também evidências de carvão vegetal até cinco centímetros de profundidade, registrando as queimadas ali realizadas. No entanto, como o carvão fica muito exposto à contaminação ambiental, segundo Mills, possivelmente não se prestará à datação radioativa, que poderia indicar a data da queimada, através do carbono-14.

Para a Funai bastam estas evidências —



embora o material coletado ainda seja objeto de testes específicos, que demandam maior tempo — para revelar o direito dos índios ao local. E foi esta a razão que a levou a transferir os Parakanã para a aldeia, ante a proximidade de submersão das terras que estavam sendo provisoriamente ocupadas por eles. Enquanto isso, aguarda-se a oficialização da reserva, que restituirá aos Parakanã um espaço histórico, que dispõe ainda da vantagem de oferecer recursos naturais suficientes à sua sobrevivência.

fotos Arquivo Funai

Interação ecológica — Ao nascer, a criança Parakanã não recebe um nome de imediato, segundo informa Lúcia Helena ao comentar o estilo de vida desses índios e sua interação com o ambiente. O nome será atribuído na medida em que suas feições se tornarem mais definidas, possibilitando uma comparação com algum animal ou peixe. Assim, se se parecer com um papagaio, poderá receber o nome de Kureawa, ou Xautiruna, se tiver algum traço que lembre um jaboti.

Segundo a antropóloga da Funai, a estreita vinculação entre o *ethos* tribal e a natureza é comprovada também pelo papel que os animais desempenham no grupo, muito maior do que à primeira vista pode representar sua utilidade, tanto como elemento de dieta ou de adorno, fazendo parte formal das famílias.

Os Parakanã vivem nas suas *tawá* cobertas de palha de coco babaçu, edificadas de forma tradicional ou em modelos mais recentes, de forma triangular, abrigo uma ou mais famílias elementares. Sua habitação, bem como seu sistema de produção, vem experimentando evolução, de conformidade com as influências recebidas. Antes realizada coletivamente, a agricultura tem hoje praticantes individuais, possivelmente uma maneira de obter recursos adicionais que lhes assegurem meios de troca para obtenção de bens de consumo, para os quais, segundo Lúcia Helena, se encontram muito motivados.

De qualquer forma, a agricultura é apenas uma atividade complementar, estando voltada para o cultivo da mandioca, cará, inhame, batata doce, fava, urucu, milho, macaxeira. Pois é na caça que eles têm a base de sua dieta, assegurando praticamente a única fonte de proteínas que ingerem, já que os peixes não são muito frequentes no local. Os animais preferidos são o jaboti, a anta, a queixada, o caititu, a paca e o veado e tatu.

Os Parakanã têm, também, na coleta, uma parte especial de seu cardápio. Ela consta de cupuaçu, muito apreciado e comido na própria casca; do inajá, do qual é feita uma bebida muito apreciada; da castanha, bicho do mamão e do coco de babaçu e também do mel de abelha.

Sua rotina de vida é simples: levantam-se antes do sol, comem alguma coisa e saem para caçar. Só ao retornar ingerem uma refeição mais substancial, sempre à base de farinha de mandioca e caça cozida ou moqueada e, muito raramente, peixe. As refeições não têm hora certa, mas são feitas em intervalos bem espaçados, duas ou três vezes por dia.

A água que bebem recebe um tratamento especial. Não usam diretamente a água do rio, mas cavam cacimbas próximas a ele, fazendo uso da água que aflora. Valem-se da casca do cupuaçu para transportar-na para a aldeia e, ali, ao beber, servem-se de pequenas cuias.



A construção dos equipamentos comunitários, como uma maloca, envolve o esforço e o interesse de todos, homens e mulheres.

Gavião real – Homem e mulher têm situações bem definidas no grupo. A cultura Parakanã admite a poligamia, mas a redução do número de indivíduos não tem favorecido o costume. Até a pouco tempo os índios andavam nus, apenas cobertos com o protetor peniano, mas hoje já fazem uso de roupas. As orelhas e lábios inferiores são perfurados, a fim de receberem ornamentos como dentes de queixada, pedras brancas ou casca de inajá. Nas danças, vestem-se de plumas de gavião real, usando na cabeça um capacete feito de palmáceas. As mulheres pintam-se de preto da cintura para baixo e cobrem-se de artísticos desenhos no tronco, utilizando, para isso, o urucu e o jenipapo.

É um povo que gosta de festas. As celebrações se prolongam por dois ou três dias, tendo lugar no interior da casa principal da aldeia, que é guarnecida, à noite, com tochas de fios de algodão pintados com cera de abelha e segurados pelos próprios expectadores. Um longo cigarro, de cerca de um metro de comprimento, por cinco centímetros de diâmetro, é fumado coletivamente, enquanto os demais dançam, de par em par, homem com mulher, homem com homem e mulher com mulher, formando, no máximo, três pares de cada vez, os quais não se tocam entre si. Os demais aguardam, escondidos atrás de esteiras, a sua vez de dançar. Nas suas evoluções, imitam aves e animais como a onça, a anta e outros.

Não dispõem de instrumentos musicais e apenas cantam, narrando fatos ou ocorrências do cotidiano. Não se sabe qual é o pretexto destas festas e qual sua periodicidade. A inexistência de um equipamento musical é indicação de uma cultura material bastante resumida, identificável também no seu artesanato, de pouca variação. Com a palha do babaçu, o algodão, a taquara, a taboca branca, pequenos frutos, sementes, dentes de animais, barro e penas de aves eles produzem painéis, arcos e flechas, colares, cestos, redes, braceletes e demais peças necessárias a seu cotidiano ou à sua ornamentação.

Desde que nascem, os Parakanã são prometidos em casamento. Até os sete anos, as meninas vivem com os pais, segundo explica Lúcia Helena, e depois dessa idade passam a conviver com a família do futuro marido, quando então aprendem a desempenhar tarefas relativas à mulher casada, como coletar a castanha, plantar e cozinhar. Mas, enquanto aprendem, nada as impede de brincar com as demais crianças.

Com a primeira menstruação, submetem-se ao rito da passagem, que marca sua idade e define seu novo papel no grupo, ou seja, de mulher casada. O rito de passagem dos meninos é bem mais cedo, aos sete anos, e a partir de sua realização adquirem permissão para usar o **acajaipe** – sinal de identificação tribal – e para fumar o cigarro ritual, conhecido como

petyma, que tem de 22 a 28 centímetros de comprimento, utilizado em ocasiões especiais.

A aproximação com o mundo dos brancos vem contribuindo para que os Parakanã abandonem suas tradições, como a perfuração dos lábios, a rejeição do distintivo tribal e até mesmo do corte de cabelo tradicional, além de interromperem atividades regulares, como a caça, e a produção de peças do seu artesanato.

A redução gradativa do grupo, que já chegou a contar com 700 pessoas e está hoje com cerca de 123, também ameaça sua sobrevivência, colocando em risco seus elementos básicos. É que, como o número de mulheres vem decaindo, o resultado é a ampliação dos laços de consanguinidade, com as conseqüências que tal fato representa. E, além disso, a mulher, pelo grande número de atribuições que acumula, é uma peça importante na vida de uma aldeia.

Espera-se, no entanto, que com o assentamento dos Parakanã em sua velha aldeia, local de antigas tradições, possam eles retomar seus costumes e exercitá-los consoante seus hábitos. A atração do outro grupo Parakanã, ainda disperso pela região vizinha, poderá contribuir para solidificar a unidade familiar, ao mesmo tempo em que irá minimizar a incidência de conflitos e permitir aos filhos de Maíra uma existência mais tranqüila e menos atribulada.